

## Histórias da condição humana nos romances policiais de Leonardo Sciascia

Hilario Antonio Amaral<sup>1</sup> (UNESP)

### Resumo:

*Nos romances do siciliano Leonardo Sciascia (1921-1989) encontramos histórias que podem ser consideradas hipóteses da condição humana. Suas narrativas revelam o conflito trágico entre o indivíduo e as forças obscuras do poder que destroem o homem; forças anônimas, assépticas e indefiníveis. Seus personagens investigam e se envolvem completamente com os fatos até que a decifração do mal surja. Ele apresenta a Sicília como o espelho de uma realidade que não tem fronteiras: uma constelação de instituições jurídicas beneficiadas por imunidades e privilégios que sobrevivem bem radicados no comportamento social. A máfia sobrevive através da sua força mitológica, que pode ser interpretada como uma herança antropológica associada a complexas forças financeiras e políticas. No seu último romance, Il cavaliere e la morte (1988), o protagonista é um velho e incorruptível vice comissário de polícia que deve enfrentar essas forças e a morte que já circula em seu sangue. Além da trama policial, nos deparamos com uma estoica reflexão, religiosamente laica, sobre a dor e sobre o inevitável destino da vida que é o fim.*

**Palavras-chave:** romance policial, máfia, estado.

### 1 Introdução

Através de seus romances breves, Leonardo Sciascia procurou desvendar a estrutura de uma sociedade dominada pelo conluio máfia-estado, uma sociedade onde vigora a corrupção através do poder e o inverso. Na nota que acompanha o primeiro romance policial sciasciano, *Il giorno della civetta*, de 1961, ele já declarava sua preferência por textos breves e concisos.

*... per quanto riguarda l'osservanza di quella che è la buona regola di far corto anche un racconto, non posso dire mi sia mancato il tempo: ho impiegato addirittura un anno, da una estate all'altra, per far più corto questo racconto; non intensamente, si capisce, ma in margine ad altri lavori e a ben altre preoccupazioni. (SCIASCIA, 1989. p. 482).<sup>1</sup>*

Além da concisão, outro aspecto da obra de Sciascia é o caráter cívico e ético-moral. Seus personagens possuem um significado cultural que nos diz respeito diretamente, são símbolos da nossa existência e dos tempos difíceis que enfrentamos, hoje e no passado.

Quanto aos gêneros literários, ele declarava-se indiferente e defendia uma narrativa impura, variada e desleal, como são seus romances policiais. Todos os romances policiais sciascianos apresentam o conflito trágico entre o indivíduo e o poder, dominado por forças assépticas e indefiníveis.

### 1 Vida e obra de um escritor detetive

Leonardo Sciascia nasceu em Racalmuto, região central da Sicília, em 1921, mesmo ano em que Benito Mussolini foi eleito deputado e poucos meses depois, através de alianças com a

---

<sup>1</sup> ... no que diz respeito à boa regra de tornar curto até mesmo um conto, não posso dizer que não tenha tido tempo: empreguei quase um ano, de um verão a outro, para tornar mais curto este romance; porém não intensamente, claro, mas em meio a outros trabalhos e outras tantas preocupações.

burguesia e grupos rurais, assumiu o governo até 1943. Na sua infância e adolescência vivida sob o regime fascista, desde os nove anos trabalhou nas minas de enxofre junto com o pai e o avô. O contato direto com o mundo dos mineiros influenciou sobremaneira o futuro escritor. Porém, desde os seis anos já frequentava a escola que não abandonou até tornar-se *Maestro Elementare*, em 1941. Ele declarou o seguinte sobre esses vinte anos de vida

*...ho passato i primi vent'anni della mia vita dentro una società doppiamente non libera, doppiamente non razionale. Una società-non società, in effetti. La Sicilia di cui Pirandello ha dato la più vera e profonda rappresentazione. E il fascismo. E sia al modo di essere siciliano sia al fascismo ho tentato di reagire cercando dentro di me (e fuori soltanto nei libri) il modo e i mezzi. In solitudine. E dunque, in definitiva, nevroticamente.* (PADOVANI, 1979, p. 5).<sup>2</sup>

De 1941 a 1948, trabalhou para o Estado junto a um escritório responsável pelo armazenamento “obrigatório” de grãos e óleo. Durante esses anos de racionamento, pôde conhecer melhor o mundo rural, vivendo em contato direto com os lavradores, suas necessidades e as injustiças cometidas pelo Estado. Em 1949, começou a lecionar, mas não demonstrava entusiasmo pela nova função

*Non amo la scuola; e mi disgustano coloro che standone fuori, esaltano le gioie e i meriti di un simile lavoro. Non nego però che in altri luoghi e in diverse condizioni un po' di soddisfazione potrei cavarla da questo mestiere d'insegnare. Qui, in un remoto paese della Sicilia, entro nell'aula scolastica con lo stesso animo dello zolfataro che scende nelle oscure gallerie.* (SCIASCIA, 1987, p. 93).<sup>3</sup>

Após a publicação de *Il giorno della civetta* (1961), primeiro romance policial do autor e que obteve grande sucesso de vendas, Sciascia passou a ser conhecido como *mafioso*, porque antes ninguém declarava publicamente a existência da máfia. De fato, ele a conhecia muito bem. Em 1957, num artigo sobre o livro *Questa mafia*, do seu amigo Renato Candida, oficial da polícia que o inspirou na criação do Capitão Bellodi de *Il giorno della civetta*, ele a definiu com precisão

*La mafia è una associazione per delinquere con fini di illecito arricchimento per i propri associati, e che si pone come elemento di mediazione tra la proprietà e il lavoro; mediazione, si capisce, parassitaria e imposta con mezzi di violenza.* (SCIASCIA, 1991, p. XXXI)<sup>4</sup>

Classificar os romances de Sciascia apenas como policiais é pouco, pois ele não pertence ao grupo dos chamados autores clássicos. Numa carta de novembro de 1965, depois de ter lido os originais de *A ciascuno il suo* (1966), Italo Calvino comenta a transformação executada por Sciascia nos seus romances “*Ho letto il tuo giallo che non è un giallo, con la passione con cui si leggono i gialli, e in più il divertimento di vedere come il giallo viene smontato anzi come viene dimostrata l'impossibilità del romanzo giallo nell'ambiente siciliano.*”<sup>5</sup> Sciascia nos alerta para o fato de que o tema mais importante tratado em *A ciascuno il suo*, além da máfia, é a decadência da centro-

<sup>2</sup> ...passei os primeiros vinte anos da minha vida numa sociedade duplamente não livre, duplamente ao racional. Com efeito, uma sociedade-não sociedade. A Sicília da qual Pirandello deu a mais verdadeira e profunda representação. E o fascismo. E seja ao modo de ser siciliano, seja ao fascismo, tentei reagir procurando dentro de mim (e fora somente nos livros) o modo e os meios. Sozinho. Portanto, de maneira completamente neurótica.

<sup>3</sup> Não amo a escola; e me desagradam aqueles que estando fora dela, exaltam as alegrias e os méritos de semelhante trabalho. Porém, não nego que em outros lugares e em condições diferentes eu até poderia sentir prazer em ser professor. Aqui, num remoto lugarejo da Sicília, entro na sala de aula com o mesmo ânimo do mineiro que desce até as obscuras galerias.

<sup>4</sup> A máfia é uma associação para delinquir com fins de enriquecimento ilícito para os próprios associados, e que se põe como elemento de mediação entre a propriedade e o trabalho; mediação, entenda-se, parasitária e imposta com meios de violência.

<sup>5</sup> Li o seu policial, que não é um policial, com a paixão com que são lidos os policiais, e com o divertimento de ver como o policial é desmontado, ou melhor, como é demonstrada a impossibilidade do romance policial no ambiente siciliano.

esquerda.

O terceiro policial sciasciano, *Il contesto* (1971), provocou uma intensa polêmica política com os comunistas. Foi a primeira de uma série de violentas reações em cadeia provocadas pelas palavras e silêncios de Sciascia durante os anos setenta e oitenta. Em 1974, é lançado o quarto romance *Todo modo*. Nessa narrativa, os ataques mais ferozes são contra a Igreja e o Partido Democrata Cristão. Até o último dia de seu mandato como deputado do Parlamento Europeu, Sciascia trabalhou na comissão que investigou o sequestro e assassinato, em 1978, do Primeiro Ministro Italiano Aldo Moro, um democrata-cristão. Em 1982, entrevistado por Walter Vecellio, Sciascia fez um balanço da sua experiência pessoal em relação ao caso Moro

*Se dieci anni prima mi avessero detto che Moro avrebbe cambiato la mia vita, avrei riso: invece è stato così. Dopo la morte di Moro, io non mi sento libero di immaginare. Anche per questo preferisco ricostruire cose già avvenute: ho paura di dire cose che possano avvenire.* (SCIASCIA, 1982, p. 34)<sup>6</sup>

Por causa desse medo ele inaugurou o chamado “período do silêncio”, que não foi tão silencioso assim. Por quase dez anos, Sciascia evitou falar sobre assuntos polêmicos ou escrever romances policiais. Só em 1987, ele voltou a utilizar as técnicas do gênero para compor o tríptico narrativo formado por *Porte aperte, Il cavaliere e la morte* (1988) e *Una storia semplice* (1989).

## 2 O Romance Policial Sciasciano

Tendo sempre se declarado indiferente aos gêneros literários, Sciascia admitia simpatizar-se com uma narrativa impura, que apresente características variadas; dizia também preferir a narrativa mais desleal, ou seja, a policial porque ela escraviza o leitor. Na obra sciasciana, o romance policial é o lugar geométrico de vários temas, o eixo portante de motivos específicos

*Il giallo (così lo definisce Gadda) è l'adeguato artificio per avviare l'indagine nelle viscere di una società che ama presentarsi e vantarsi civile, granitica e fiera, e scoprirne invece le equivoche contraddizioni, le nascoste miserie, gli aggrovigliati segreti.* (MANACORDA, 1979, p. 265)<sup>7</sup>

São dois os aspectos fundamentais do romance policial: a repetitividade e a centrifugação. A forma do policial implica num certo relacionamento fixo entre a morte, o tempo e a maneira de narrar. Valem todos os artifícios literários, mas a estrutura é sempre fixa: um crime divide o tempo em dois e as investigações deverão eliminar essa separação, remendar a trama dos acontecimentos de maneira que o tempo possa, de novo, transcorrer normalmente. Nos romances sciascianos não há repetição - o investigador não é sempre o mesmo e os crimes possuem características e motivos singulares - nem centrifugação. Para entendermos melhor a centrifugação devemos pensar num quebra-cabeças desmontado. O detetive, que representa o movimento centrípeto, é aquele que será capaz de montar o quebra-cabeças. Sciascia, introdutor do drama pirandelliano no romance policial, trabalha com uma forma análoga: o detetive sabe como reagrupar as peças corretamente, porém é impedido de fazê-lo. O último capítulo nunca é a peça que completa o mosaico e restabelece a fé nas instituições. As peças não se encaixam e a desestruturação (a centrifugação) provocada pela morte permanece. O sucesso do romance policial está ligado à massificação da cultura. Assim, parodiando uma impostura cultural de massa, Sciascia tenta dizer a verdade sobre a sociedade que produz tal impostura.

Existe ainda outra diferença fundamental. O estereótipo do detetive criado no período

---

<sup>6</sup> Se dez anos atrás tivessem me dito que Moro mudaria a minha vida, teria rido: porém foi assim que aconteceu. Depois da morte de Moro, eu não me sinto mais livre para imaginar, tenho medo de dizer coisas que podem acontecer.

<sup>7</sup> O policial (assim o define Gadda) é o artificio adequado para realizar a investigação nas vísceras de uma sociedade que ama apresentar-se e vangloriar-se civil, granítica e altiva, e descobrir-se, porém, seus equívocos, contradições, as misérias escondidas, os segredos emaranhados.

positivista é um pseudo-cientista; os detetives criados por Leonardo Sciascia são pseudo-literatos e a sociedade vive um contínuo e profundo processo de esfacelamento.

### 3.1 *Il giorno della civetta* (1961)

Vimos que em seus romances policiais, Sciascia se mostra totalmente dedicado à denúncia de um problema secular: a máfia. Dito isso, surge a pergunta inevitável. Como Sciascia conseguiu levar adiante seu projeto durante três décadas sem nunca ter sido molestado por ela? A resposta é simples e nos chega através das palavras de *don* Mariano Arena, chefe mafioso na primeira narrativa. Segundo ele, máfia não gosta de pessoas *quaquaraqua*, ou seja, pessoas que falam demais sem saber o que estão falando. Sciascia sabia.

Numa manhã como qualquer outra na praça de uma cidadezinha siciliana, Salvatore Colasberna, um modesto pedreiro que sempre recusara qualquer envolvimento com a máfia, é assassinado. Na mesma manhã, Paolo Nicolosi, que também não tinha nada a ver com a máfia, desaparece misteriosamente. A cooperativa imobiliária que Nicolosi dirigia provocava muitos aborrecimentos às outras empresas por causa da sua concorrência honesta. O responsável pela condução das investigações, capitão Bellodi, pouco a pouco vai descobrindo as verdadeiras razões dos crimes, mas ao final de tudo a sua coragem e integridade de nada valem. Testemunhas compradas fornecem uma série de álbis para os incriminados. Assim, a máfia retoma tranquila as rédeas dos seus negócios. A leitura dessa obra nos revela a gélida paralisia que a existência da máfia provoca nos poderes públicos. Denuncia o mal que o medo da máfia e das suas vinganças provoca na consciência dos cidadãos: todos conhecem o nome dos assassinos e dos mandantes, mas ninguém fala.

Sciascia também denuncia a hipócrita procura de outros motivos para os crimes, que não sejam a vingança da máfia e a sua intimidação: imagina-se um delito passional e a culpa é creditada ao “sangue quente” dos sicilianos.

Os dois personagens centrais do romance, os protagonistas absolutos, são o velho mafioso e o capitão Bellodi. O primeiro representa o poder imbatível do crime organizado, que não se inibe diante dos novos tempos. O segundo, um personagem habilmente construído e um tanto fictício por ser muito competente, representa a verdade, a justiça e a lei.

Outro personagem importante, e ao mesmo tempo repulsivo, é o informante. No artigo *La mafia*, de 1957, Sciascia faz uma pequena digressão sobre essa figura

*...un uomo che ha paura della legge, cui deve rendere dei conti, e della mafia, di cui è parte; ricattato (non saprei quale altra parola usare) dalla polizia, e nella paura continua di dover pagare con la vita il tradimento verso l'associazione.*(SCIASCIA, 1981, p. 1181)<sup>8</sup>

Por fim, temos também - como nos demais romances - o político corrupto protetor de mafiosos, assassinos de aluguel e que de longe manipula fatos e pessoas para prejudicar as investigações ou quem as conduz pelo caminho certo.

### 3.2 *Cavaliere e la morte* (1988)

Neste romance, o protagonista e investigador é um comissário de polícia que sofre de câncer nos pulmões, mesma causa da morte de Sciascia, em 1989. Trata-se de um velho siciliano que vive há anos no continente e é identificado na trama apenas por *Vice*. O alvo dos ataques de Sciascia é a Itália do capitalismo maduro, a Itália dos anos oitenta. A trama se desenrola numa metrópole industrial - muito parecida com Turim - e começa com o assassinato do advogado Sandoz, um riquíssimo industrial. O principal suspeito de ser o mandante do crime é outro industrial ainda mais

---

<sup>8</sup> ...um homem que tem medo da lei, à qual deve prestar contas, e da máfia da qual parte; chantageado (não saberia que outra palavra usar) pela polícia, e no medo contínuo de ter que pagar com a vida a traição para com a associação.

rico, o engenheiro Cesare Aurispa, Presidente das Indústrias Reunidas. Motivo da suspeita: a polícia encontrara no bolso da vítima um cartão pessoal de Aurispa com uma ameaça de morte no verso. Assim, *Vice* e *Capo* dirigem-se até a mansão do suspeito nas primeiras horas da manhã para não retardar a

*...puntuale, quase leggendaria uscita mattutina per recarsi al grattacielo delle Industrie Riunite: dal più alto piano del quale, quasi in confidenza col cielo, prendeva le quotidiane e sempre giuste decisioni per cui il paese intero si teneva sul filo del benessere, della ricchezza: avendo però da un lato lo strapiombo della miseria, dall'altro quello della peste. (SCIASCIA, 1981, p. 412)<sup>9</sup>*

Nos dias que antecederam a sua morte, Sandoz recebera vários telefonemas com ameaças de morte de pessoas que diziam pertencer a um grupo terrorista chamado *I figli dell'ottantanove*. Essa é a linha das investigações que o *Capo* defende e quer que o *Vice* siga. Entretanto, a explicação que o engenheiro Aurispa dá para a existência do cartão com a ameaça no verso não convence o *Vice*: uma brincadeira entre dois amigos que fingiam cortejar a velha senhora De Matis, que durante o banquete do qual participavam sentara-se ao lado do advogado Sandoz. Ele vive o seguinte dilema: os filhos do oitenta e nove foram criados para assassinar Sandoz ou Sandoz foi assassinado para criar “os filhos do oitenta e nove”? Divulgada a notícia da existência do grupo e da volta do terrorismo, órgão da imprensa passam a receber diversos telefonemas ameaçadores. Até então, “os filhos do oitenta e nove” não existiam. O *Vice* não tem mais dúvidas, o grupo terrorista não existe.

Durante uma conversa com um amigo espião israelense, ele confirma sua tese ao saber que Aurispa e Sandoz eram inimigos que se respeitavam por amor-próprio. Sandoz sabia que Aurispa participava de atividades ilícitas, mas não possuía provas suficientes para incriminá-lo. Além disso, os dois tinham um passado em comum repleto de sexo e drogas.

No final, o *Vice* é assassinado pela jovem namorada do engenheiro Aurispa e no dia seguinte os jornais estampam a notícia de mais um assassinato praticado pelo novo grupo terrorista.

O *Vice* é um leitor voraz que possui em seu escritório uma gravura de Dürer, O cavaleiro, a morte e o diabo (1513), que ele não se cansa de admirar. Nesses momentos, ele entrega-se às suas reflexões: entre a morte e o imperdoável comprometimento com o diabo que opção resta, de fato, para este cavaleiro cuja missão é encarnar a verdade e a justiça?

Quando levantava os olhos da papelada sobre a mesa e apoiava a cabeça na cadeira, via nitidamente, em cada particular, a gravura que Dürer aveva feito em 1513. Carregou-a consigo de uma delegacia para outra: colocando-a sempre na parede defronte à sua mesa. Comprou-a de um leiloeiro pelo valor correspondente a dois meses de salário num daqueles repentinos e impensados desejo de posse que lhe dominava diante de um quadro, uma gravura, um livro. O aspecto cansado da morte sempre o inquietava, como se ela quisesse dizer que cansadamente, lentamente ela chegava quando alguém já estava cansado da vida. Cansada a morte, cansado o seu cavalo. E a morte, não obstante as ameaçadoras serpentes e a ampulheta, tem uma expressão mais próxima da mendicância que do triunfo. E o diabo, também cansado, era demasiadamente horrível para ser verdadeiro. Cheio de álibis fortes na sua tentativa de nos estimular a recuperar o vigor perdido: terapias teológicas, reanimações filosóficas, práticas parapsicológicas e metafísicas. Mas o diabo estava tão cansado a ponto de delegar suas tarefas aos homens que, afinal, sabiam fazer tudo isso bem melhor que ele. E o cavaleiro: aonde ia todo paramentado, firme, deixando para trás o cansado diabo e negando esmola para a morte? Conseguiria chegar à cidadela no alto da montanha, a cidadela da suprema verdade e da suprema mentira?

*Il cavaliere e la morte*, além de ser um romance policial, é uma reflexão estóica, religiosamente laica, sobre a dor e sobre o inevitável fim de todo ser humano. Sciascia também nos ensina que nenhuma doença será motivo de medo e nenhum delito será impune se tivermos consciência da vida em todas as suas possíveis alterações e instâncias.

---

<sup>9</sup> ...pontual, quase legendaria saída matutina para dirigir-se até o topo do arranha-céu das Indústrias Reunidas: de onde, quase em confidência com o céu, tomava as cotidianas e sempre justas decisões pelas quais o país inteiro equilibrava-se sobre a corda bamba do bem-estar e da riqueza: tendo, porém, de um lado o precipício da miséria e do outro o da peste.

## Conclusão

Os romances policiais escritos por Leonardo Sciascia, variantes do romance policial realista, não tranquilizam o leitor porque colocam a seguinte questão: o assassino pertence à máfia que, por sua vez, está ligada ao estado ou trata-se, simplesmente, de um solitário assassino ciumento ou vingativo? Como os investigadores jamais conseguem finalizar seus trabalhos, a crítica social que denuncia o conluio máfia-estado, e que predomina durante toda a trama, passa, aparentemente, para um segundo plano no último momento. Essa manipulação dos fatos, porém, é evidente para o leitor mais atento: acontece de tal modo que a mudança de interpretação assume um aspecto acentuadamente falso. A investigação é interrompida por causa da intervenção do poder político, que não quer que a sociedade seja informada sobre seu envolvimento com o crime organizado.

Todos os investigadores sciascianos, sem exceção, são derrotados e os mais afortunados conseguem, pelo menos, evitar a própria morte. São pessoas comuns, vulneráveis, que não acreditam na existência de uma justiça fundada na verdade e no decoro. Em seus romances, Sciascia escreveu continuamente sobre o trágico conflito entre o indivíduo e as forças obscuras do poder, as forças que se dedicam à destruição do homem, no mundo tal como é hoje, forças anônimas, assépticas e forçosamente indefiníveis. Na sua narrativa, a *sicilianità* possui raízes diferentes daquelas encontradas em Verga ou Pirandello; nestes escritores, a Sicília é apresentada como um universo peculiar, enquanto que para Sciascia o que ela tem de característico não difere das peculiaridades encontradas em qualquer lugar. Ela é uma metáfora do mundo.

## Referências Bibliográficas

- AMBROISE, Claude. **Invito alla lettura di Sciascia**. Milano, Mursia, 1990.
- MANACORDA, Giuliano. **Storia della letteratura italiana contemporanea**. Roma, Riuniti, 1979.
- PADOVANI, Marcelle. **La Sicilia come metafora**. Milano, Mondadori, 1979.
- SCIASCIA, Leonardo. **La palma va a Nord**. Org. Walter Vecelio, Milano, Gammalibri, 1982.
- \_\_\_\_\_, Leonardo. **Opere 1956-1971**. Org. Claude Ambroise, Milano, Bompiani, 1987.
- \_\_\_\_\_, Leonardo. **Opere 1971-1983**. Org. Claude Ambroise, Milano, Bompiani, 1989.
- \_\_\_\_\_, Leonardo. **Opere 1984-1989**. Org. Claude Ambroise, Milano, Bompiani, 1991.

---

i Prof. Dr. hilario@fclar.unesp.br  
Universidade Estadual Paulista (UNESP).